

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Cuidados paliativos: um olhar necessário

Amalia Facundo
amalia.facundo@gmail.com

Os cuidados paliativos representam uma abordagem essencial para a promoção da dignidade e do bem-estar dos pacientes com doenças graves e progressivas. Mais do que o controle da dor e dos sintomas físicos, são cuidados que envolvem atenção integral, acolhendo também os aspectos emocionais, sociais, culturais e espirituais dos pacientes e dos seus familiares. Entre os profissionais de saúde há uma crescente preocupação em oferecer o serviço aos seus pacientes, pois já não é mais admissível a frase: “não há mais nada o que fazer.” Na perspectiva de abordagem da morte digna, procura-se relacioná-la com a ortotanásia, proporcionando a prática do cuidado paliativo.

Dentro do contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), os cuidados paliativos estão diretamente ligados ao princípio da integralidade do cuidado, que reconhece o ser humano em sua totalidade, considerando

suas múltiplas necessidades e respeitando sua autonomia. Esse princípio orienta a atuação das equipes de saúde para além do tratamento da doença, buscando cuidar da pessoa em todas as suas dimensões (física, social, emocional e espiritual). Infelizmente, ainda há muitos desafios no acesso e na implementação efetiva dos cuidados paliativos no Brasil. A falta de formação específica dos profissionais, a escassez de serviços especializados e o preconceito em torno do tema dificultam a consolidação dessa prática no cotidiano dos serviços de saúde.

Em muitos casos, o cuidado paliativo ainda é confundido com o abandono terapêutico, quando na verdade se trata de um cuidado ativo, compassivo e ético. Portanto, integrar os cuidados paliativos à lógica da integralidade do cuidado é reconhecer que viver com qualidade até o fim da vida é um direito. É acolher a dor e o sofrimento com respeito, escuta e humanidade, reafirmando que cada vida importa — até o último instante.

A carta de Ibaneis a Trump

Julio Celestino
juliocelestino@gmail.com

O governador do Distrito Federal se safou do 8 de janeiro (2023), o inquérito contra si foi arquivado em março deste ano pelo Supremo Tribunal Federal. Agora, numa jogada imprudente, Ibaneis Rocha decidiu enviar uma carta formal ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pretensamente para defender a imagem de Brasília, buscando corrigir supostas “informações equivocadas” propagadas por Trump sobre a capital brasileira, e para, não tão implicitamente assim, criticar o governo federal.

Mandou às favas o pacto federativo, os protocolos e os canais diplomáticos, bem como as competências reservadas constitucionalmente ao presidente da República para representar o Brasil no âmbito internacional. Governadores não são embaixadores, não podem representar o Brasil internacionalmente sem coordenação federal. Enviar uma comunicação oficial de

viés político a um chefe de Estado estrangeiro, à sorrelfa da União e sem seu aval, é uma tentativa clara de contornar o governo central, o que viola o costume internacional e fragmenta a soberania nacional, abrindo canais estranhos e nada comezinhos, que convidam para diálogos paralelos, os quais podem fomentar divisões internas, além de incentivar intromissões estrangeiras em assuntos domésticos.

A atitude de Ibaneis não se sustenta sob qualquer ponto de vista, dela não se podendo extrair qualquer ganho estratégico; é oportunismo malfadado, é erro de cálculo, iniciativa ridícula e perigosa, a qual há de ser desincentivada, notadamente em tempos nos quais estão em voga discursos imperialistas de anexação do Canadá e da Groenlândia. Talvez o aceno de Ibaneis a Trump possa custar-lhe o cargo. Enquanto isso, a sociedade brasileira se questiona: precisamos de governadores jogando para a plateia internacional ou de unidade para defender interesses nacionais comuns?

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Vale tudo... até vender tudo?

Luis Carlos Santos
Ex-Correspondente **O POVO**

Inserções comerciais em novelas não são novidade. Desde sempre, o folhetim brasileiro soube mesclar enredo e publicidade. Mas o que se tem visto nos últimos tempos é o exagero. No remake de *Vale Tudo*, isso chega a beirar o incômodo. A novela das nove da Globo já acumula 76 ações de *merchandising* e 16 marcas envolvidas — e a expectativa é ultrapassar com folga o recorde de *Pantanal*. Resultado: a trama pode ser facilmente apelidada de “Vende Tudo” — e não por acaso.

O excesso transforma os capítulos em uma vitrine, prejudicando o ritmo da história e diluindo a imersão do telespectador na narrativa. A novela original de 1988, de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, é considerada por muitos uma obra-prima da teledramaturgia. Mas, em meio à avalanche publicitária, o remake assinado por Manuela Dias deixa de abordar com a profundidade necessária temas delicados como a diabetes, e enredos como o do bebê *reborn* surgem e desaparecem, causando um efeito relâmpago.

Ainda que a integração entre marcas e dramaturgia seja uma prática consolidada, é preciso lembrar que a força de uma novela está no seu poder de emocionar, envolver e provocar reflexão. Quando a história passa a ser, em excesso, exposição de produtos, coloca em xeque o que há de mais valioso: a conexão verdadeira com o público.

No fim, cabe uma reflexão: até que ponto a televisão, em busca de novas formas de financiamento e relevância, conseguirá equilibrar o compromisso com a arte de contar histórias e as demandas comerciais do mercado?



é preciso lembrar que a força de uma novela está no seu poder de emocionar, envolver e provocar reflexão

CARLUS CAMPOS



Moda é voz

Artur Saraiva
Membro do Conselho de Jovens
Leitores **O POVO**

Desde cedo, aprendi que a moda é muito mais do que roupas, cores e tendências. Ela é linguagem, é expressão, é arte viva no corpo. Para mim, cada peça criada e usada carrega uma história — seja a memória de um momento especial ou a ousadia de um sonho que ainda está por vir.

Apesar de lidar com olhares, risadas e inúmeros comentários, também aprendi a lidar com o amor e a emoção de vestir cada peça, cada pulseira, cada calça, cada cinto. Cada detalhe carregava um pouco do meu estilo, um pouco do meu amor e um pouco da minha personalidade.

Entre tendências, tecidos e combinações, encontrei um espaço onde posso ser criativo,

ousar e, principalmente, ser autêntico. E é por isso que, a cada dia, me apaixono ainda mais por essa arte que vai muito além do vestir — ela me acompanha, me define e me inspira.

A moda sempre me fascinou porque é liberdade — liberdade para ser quem sou. Cada combinação de tecidos e estilos é como uma página da minha história. É por meio dela que encontro motivação para criar, ousar e inspirar outras pessoas a também se expressarem sem medo.

Acredito que quando vestimos algo que nos representa, não estamos apenas usando tecido: estamos vestindo nossa história, nossa essência e nossa coragem. A moda me ensinou que cada um de nós tem uma voz única — e a minha, eu escolhi vestir e mostrar ao mundo.

Releituras que inspiram

Pedro Sá
Supervisor do Instituto de Música Jacques Klein e Membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**

A música é um dos poucos lugares onde a ousadia é não só bem-vinda, mas necessária. E quando bandas de forró pegam canções internacionais para recriar seus sucessos — ou grupos de *hardcore* fazem versões agressivas de modões sertanejos — estamos diante de mais do que uma curiosidade cultural. Estamos diante de uma poderosa expressão de criatividade, escuta ativa e reinterpretação técnica.

Essas trocas estilísticas parecem brincadeira, e em parte são, mas, por trás delas existe um exercício técnico e sensível: identificar acordes, adaptar compassos, respeitar (ou desconstruir) estruturas harmônicas e, acima de tudo, reinterpretar com personalidade. Para o músico que está em formação, especialmente crianças e adolescentes, essa prática é riquíssima pedagogicamente.

Quando um jovem aprende a ouvir “o que está por trás” de uma música, além do gênero, ele desenvolve uma percepção musical ampla, versatilidade técnica, criatividade sem medo e apreciação plural da música. Essa lógica de transversalidade estética e respeito à diversidade musical é algo que o Instituto de Música Jacques Klein (IMJK) vem promovendo com grande sensibilidade. Dois exemplos emblemáticos são os espetáculos especiais já realizados pelo Instituto: Homenagem a Luiz Gonzaga, com participação de Waldonys — padrinho do IMJK e, por sua vez, afilhado musical do próprio Gonzaga — que uniu sanfona e orquestra em uma celebração emocionante no anfiteatro da Beira mar. Outro foi o tributo à Legião Urbana, com a presença da banda *cover* Conexão Urbana, no shopping Iguatemi Bosque, promovendo um encontro entre o rock nacional e a formação clássica dos jovens músicos da casa.

Nessas experiências, os alunos do Instituto vivenciam não apenas a técnica, mas o encontro entre gerações, histórias e estéticas musicais diferentes, algo que amplia horizontes e fortalece vínculos com a cultura brasileira em sua totalidade.